MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIII

Elogio histórico do académico José Vitorino de Pina Martins

Raul Miguel Rosado Fernandes†

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2022

Elogio histórico do académico José Vitorino de Pina Martins

Raul Miguel Rosado Fernandes†

"Todos existimos como penhor à Morte", dizia Horácio na *Arte Poética: "omnes debemur morti"*, e o nosso confrade, e meu Amigo querido, a esse ditame, como a nós todos acontecerá, não escapou.

Permitam-me por um momento que continue com o latim que tanto nos unia, mas desta vez focando a sua visão humanista: ele seguia o princípio que nos transmitiu o bom Terêncio, na sua comédia intitulada *Heautontimoroúmenos*, "O Homem que se castiga a si próprio", desculpem o Grego do título, em que encontramos o célebre pensamento do comediógrafo que nos confessa: "*homo sum humani nihil, a me alienum puto*": "Sou homem e penso que nada do que é humano me pode ser indiferente". Respeitamos esta afirmação sincera e bondosa, mesmo quando admitimos que "o Homem é o lobo do homem", como afirma Plauto na "*Comédia dos Asnos*", *Asinaria,* com a frase pessimista, mas realista, *"homo homini lupus"*.

O humanista que era Pina Martins não pensava nem agia assim. Era, não um moderno pacifista, mas um irenista como muitos dos humanistas do século XVI, que estudava para analisar os comportamentos da sociedade humana no espaço mundial e seguia como exemplos vários pensadores da Renascença, com lugar especial para Erasmo e Pico della Mirandola, cujo retrato possuía numa bela pintura sempre presente na sua riquíssima biblioteca, ou Thomas More, vítima da crueldade de Henrique VIII de Inglaterra, a quem More servia como magistrado da corte britânica.

Nascera Pina Martins, antigo presidente desta Academia e amigo de todos os que o conheceram, em Penalva de Alva no ano de 1920, para vir a falecer entre nós, em 2010, no mês de Abril, deixando atrás de si, como que uma revolução pacífica, perdoe-se-me o oxímoro, no vasto campo dos estudos humanísticos europeus, bem como da análise da mensagem e pensamento dos humanistas e pensadores portugueses, cujas obras percorreu com aquele entusiasmo e

profundo saber que sempre foi desenvolvendo e acumulando, enquanto esteve activo até às proximidades da sua morte.

Conhecia e amava a Itália bem como a italiana sua mulher, de nome *Primula*, ainda há pouco falecida, e a quem, por brincadeira, eu intitulava *prímula inter pares*, porque, além de ser fina como ser humano, sempre o acompanhou e ajudou na sua vida de casal culto, bondoso e viajado.

Pina Martins licenciou-se em Filologia Românica na Universidade de Coimbra, depois de uma matrícula anterior em Filologia Clássica, que seguidamente abandonou, cultivando-a sempre, de forma diversa e indirecta, na companhia dos seus humanistas de todas as nacionalidade e tempos, privilegiando na sua escolha os grandes representantes do Renascimento europeu.

Mesmo no percurso da sua vida seguiu um internacionalismo intencional, como o dos seus humanistas e pensadores, ao começar como leitor, de 1948 a 1955, na universidade romana *La Sapienza*, o que não o impediu de ser orientado pelo Prof. Carlo Calcaterra na Universidade de Bolonha. Segue em 1955 para Poitiers, de onde regressa em 1962, data em que o conheci pessoalmente em Lisboa, antes da minha partida para o *Queens College*, da *City University of New York*.

Lembro-me de um curto episódio da nossa vida lisboeta, quando vi Pina Martins comentar um desabafo meu, que incidia sobre a desilusão que eu sentia sobre a pobreza cultural das nossas bibliotecas, dizendo-me simplesmente para eu não desistir das tarefas que tinha escolhido a fim de não ser colhido por "um destino *perituro*". Perituro ou não, foi este particípio futuro retirado do latim, que me fez pensar duas vezes e me levou a não desistir de uma vida com altos e baixos, com variedade surpreendente, que me permite hoje estar a celebrar a sua memória com a admiração e amizade que ele, meu antecessor nesta cadeira, sempre mereceu.

De 1962, ano de grande turbulência estudantil e de todos os que desejavam uma sociedade mais livre, ocupou até 1972 as funções de assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, (Começava-se como 2.º Assistente, porque mais baixo não se podia descer!!!) regendo cadeiras como a História da Cultura Clássica, ministrada depois pelo saudoso Manuel Antunes, S.J., História da Cultura Moderna, Literatura Portuguesa do século XVI e Literatura Italiana, devido ao pouco que custava e ao muito que sabia.

No decorrer desse período, em 1965, colaborará com Paulo Quintela e com o nosso Nemésio nas celebrações da obra de Gil Vicente, até que em 1972 dirigirá na Biblioteca Nacional a Exposição de *Os Lusíadas*, em colaboração com a Dra. Teresa Gouveia.

Desde 1957 que se preparava para apresentar na *Sorbonne Nouvelle* a sua tese de *doctorat d'état,* num júri onde estariam presentes Marcel Bataillon, Eugénio Ascensio, Robert Ricard, Paul Teyssier, com a presidência do *doyen* Raymon Cantel, e que, como era impossível que assim não fosse, terminaria *summa cum laude,* devido às suas leituras, experiência e saber, que demonstrou durante as seis horas que o exame durou e, cujo sofrimento causado, não impediu o prazer que dele retirou, devido ao seu à vontade, evento que sempre me contou em todos os seus pormenores. Fazia-o, não por vaidade, mas por sentir que tinha ultrapassado um desafio, que a todos nós, que já o sentimos, causa uma sensação de saudável e amiga camaradagem.

Já nessa altura era, desde 1972 a 1983, director do Centro Cultural Português, da Avenue d'Iéna, onde muitos de nós foram para colaborar na expansão pelo estrangeiro da cultura portuguesa, tal como fizeram com distinção, na mesma actividade directiva, outros nossos confrades, como Veríssimo Serrão, ou José-Augusto França.

Por essa altura parisiense, em 1978, é eleito membro desta Academia que acabará por representar na Fundação Europeia da Ciência, de 1979 a 1983, quando estava em Paris.

Sucedem-se os lugares em que foi investido devido à sua competência e não em recompensa por favores prestados, lugares que enumero: em 1983 sócio de mérito da Academia Portuguesa de História; presidente da XVII Exposição Europeia de Ciência Arte e Cultura; em 1985 sócio correspondente e seguidamente efectivo da nossa Academia; em 1986 será nesta mesma Academia o inspector da biblioteca; em 1989, vemo-lo sócio estrangeiro da Accademia Nazionale dei Lincei em Roma e sócio emérito da Academia Europeia de Londres; em 1991 será, na instituição onde nos encontramos, seu vice-presidente e seguidamente presidente, respectivamente e rotativamente das classes de Letras e de Ciências da nossa Academia, a que juntará um *honoris causa* na sua Universidade de Lisboa, e até 1994 haverá mais distinções académicas ainda, até em Moscovo, mas julgo que é altura de falar dos seus trabalhos que ajudaram os intelectuais portugueses

a ocuparem-se mais repetidamente e em número mais significativo do humanismo português, como eu próprio e o nosso confrade Sebastião de Pinho, que tal como o saudoso Américo da Costa Ramalho se dedicaram a esse vasto tema, que alarga a visão que podemos ter colhido da nossa cultura ou de outras culturas estrangeiras, que constituem um património intelectual da humanidade, bem como dos seus reflexos culturais e científicos no Portugal de hoje, apesar de alguma indiferença que os abastados costumam sentir pelos seus bens, como nos é dado conhecer em vários comportamentos individuais e nacionais.

Pina Martins era essencialmente um incansável, e direi mesmo, um ambicioso caçador de livros. Abatia as peças conservando-as nas suas bibliotecas em Paris e em Lisboa, e se algumas das que encontrava já existissem na sua posse, por virem na compra em conjunto com outras e em duplicado, trocava-as por outras que lhe despertassem a curiosidade infinita próxima de um apetite rabelaisiano de saber e de conhecer melhor o Renascimento e mesmo outras épocas mais próximas, como é o caso dos seus trabalhos sobre Verney, ou mais longínquas ainda dos dias de hoje, como é evidente, por ter acesso ao conhecimento técnico e histórico das obras escritas no nosso universo europeu.

Nesta última fase temos de incluir uma das suas mais famosas descobertas comentadas com saber e gosto pessoal, que foi, em 1973, a edição do *Tratado de Confissom*, um incunábulo proveniente de Chaves, de 1498, edição fac-símile, com estudo e comentário do nosso antigo confrade, publicado na Imprensa Nacional, numa série que foi intitulada de *Portugaliae Monumenta Typographica*. Este trabalho causou sensação entre os bibliómanos portugueses, ultrapassando fronteiras, como era natural, devido também à bem escolhida rede de conhecimentos de que dispunha na sua área de investigação, pois era mais um passo bem dado na longa carreira que tinha iniciado ainda estudante, e com o pseudónimo de Duarte de Montalegre, encaminhada depois para a literatura, que começa em 1954 com o trabalho em italiano sobre o poeta brasileiro, Ribeiro Couto.

E já que disse ser ele um caçador de livros, nem o tema da cinegética lhe escapou *em* 1958, quando publica o seu estudo sobre livros de cinegética italianos e franceses dos séculos XV e XVI, publicado em Roma, sem que deixasse nesse mesmo ano de publicar em italiano a *Prospettiva della Poesia Portoghese Moderna,* na revista, *Letteratura Moderna,* o que demonstra a sua capacidade de adaptação aos vários campos da cultura literária, portuguesa ou não.

Vou contudo fazer uma recolha, no fundo a que mais próxima está do que aprendi e escrevi, uma vez que não seria possível passar em revista os mais de trezentos trabalhos que nos legou, muitos deles em conjunto com os confrades e colegas portugueses e estrangeiros ainda em vida e com outros que há já muito nos deixaram.

De 1954 a 2010, pôde o nosso colega e amigo conviver e atrair para o estudo muitos dos que praticavam nos temas que lhe eram caros, os quais ele reunia tantas vezes em simpósios e congressos, ou a quem pedia ajuda em pormenores que não lhe eram tão familiares.

O estudo e textos escolhidos que nos deu em 1973, vão abarcar um tema que lhe é caro, se é que houve algum tema do humanismo que não fosse conhecido de Pina Martins, mas neste caso, nos tempos que retrata, em que a Inquisição se preparava para fazer as suas perseguições neste país, há que considerá-lo especial, pois analisa *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século* XVI. O autor, contudo, trata o assunto com cuidado, como o fará no trabalho em que analisa Erasmo e a sua influência em André de Resende, que ao sábio de Roterdão tinha em tempos dedicado um encómio em verso, estudado também pelo meu antecessor.

De facto, Pina Martins não quer dizer claramente que depois da chegada de André de Resende ao seu país, começou este a esquecer o encómio e para segurança da sua vida, dedicar-se mais ao estudo da arqueologia e sobretudo da epigrafia e da crítica da violência romana sobre os Lusitanos durante o *Bellum Viriathicum*.

O meu Amigo era um patriota e esquecia a agressividade quando dos seus compatriotas se tratava. De facto, Erasmo entra no índice dos livros proibidos, como era normal para um escritor que defendia a paz, mesmo quando tratava do *miles christianus*, de uma forma paradoxal que se pode resumir em: a guerra ganha-se com a paz. Nunca foi, nem nunca será assim, no mundo político do poder, sobretudo na nossa época em que a invenção atómica e química pode reduzir a humanidade a nada.

É o problema que sentem Hannah Arendt no seu livro *O que é a Política*, compatibilizar a política com a liberdade individual, o que até hoje tem encontrado as maiores dificuldades, porque afinal é disso mesmo que se trata, e Maquiavel, no *Principe*, que por ter sido sempre partidário do "Possível" como elemento

condutor da política, não deve ter gozado muito da simpatia do nosso Pina Martins, mesmo que na *UTOPIA III,* lhe reconheça o valor, e aponte positivamente para o seu discurso político mais brando sobre as *Décadas de Tito Lívio,* mas que em Portugal, como demonstra o nosso confrade Martim de Albuquerque, não foi bem recebido, porque nunca se conformou com a ditadura clerical. Pina Martins devia-o saber muito bem e intelectualmente sentia-se com discrição apoiado. Mas para todos os efeitos ser maquiavélico não se enxertava na cepa portuguesa, pelo menos em política de larga escala.

De facto, pertence muito mais ao espírito da época o poema *Vincentius, Levita et Martyr*, obra do erasmista por conveniência esquecido, André de Resende, eborense, que Pina Martins editará em 1981, numa edição fac-similada altamente analisada, integrada no ambiente do século XVI, que aparece entre os estudos do *Centro de Investigações do Renascimento em Portugal,* dirigido por Jean Aubin, com notável colaboração do nosso antigo presidente, e onde este já publicara e estudara, em 1982, a obra e a figura de Damião de Góis, em *Damião de Góis, humaniste européen*, publicação que reúne trabalhos de Marcel Bataillon, J. C. Margolin, Jorge B. de Macedo, J. Aubin e Isaías da Rosa Pereira, num agrupamento de estudos que já nos esclarece muito sobre a obra e vida desse humanista muito viajado, certamente um erasmista escondido, frente à censura inquisitorial, mas que de qualquer forma é um dos pilares da nossa cultura e vida económica renascentistas. Mas o meu predecessor não se contentava com poucas centenas de páginas sobre um assunto que o apaixonava, precisava de mais, de muito mais.

Foi assim que ao lado de duas publicações mais modestas, ainda que altamente eruditas, como *Au Portugal dans le Sillage d'Érasme em 1977* e, em 1983, na companhia de Fernando Mello Moser, também nos abre o caminho para a compreensão de Thomas More, em *Thomas More au Portugal*, e, para nossa surpresa e malgrado os olhos ávidos da Santa Inquisição, vemos que Erasmo, pouco apreciado em 1527 no Concílio de Valladolid pelos representantes portugueses, bem como More, eram lidos e conhecidos secretamente por gente de alta cultura, como Damião de Góis, ou o ciceroniano D. Jerónimo Osório, Bispo de Silves e muitos outros, entre os quais, como já dissemos, André de Resende. As ideias de paz defendidas por Erasmo e por More, que possibilitavam a coexistência de religiões diferentes e hostis, agora que tinha aparecido Lutero em Wittenberg, são apresentadas por Pina Martins nesses dois livros que citei, apesar de tudo se ter

preparado na época para uma verdadeira guerra de religiões, que levarão muita gente ao cadafalso, do lado dos católicos, como vai ser o caso de More, com a indignação de muitos crentes portugueses, mas com o silêncio comprometedor de muitos, por correrem risco de vida. Em Portugal reinava um medo intenso que se perpetuou até aos dias de hoje, mesmo que eu pessoalmente julgue que estou a exagerar, visto estar consciente de que muitas são as causas do medo, que não são obrigatoriamente só o cadafalso e a forca.

Os tais livros de grande dimensão, por serem elaborados por muitos eruditos, saíram de Tours em França, em Julho de 1984, *L'Humanisme Portugais et l'Europe*, proveniente de uma reunião em que intervieram na sua maior parte os eruditos portugueses e franceses, convidados e incentivados todos pelo então director do Centro Gulbenkian em Paris, para que sem parar, se realizasse em 1988, o primeiro simpósio nacional, sobre *O Humanismo Português, 1500-1600,* já sob o patrocínio da nossa Academia das Ciências, de 21 a 25 de Outubro de 1988, em que foram analisadas as acções intelectuais da maior parte dos humanistas portugueses, estudo que vai continuar na grande e assinalável publicação *Humanisme et Renaissance* de *l'Italie au Portugal, les deux regards de Janus,* em 1989, com dezenas de contributos valiosos, que tornaram este tomo uma consulta indispensável.

Não pensemos, contudo, que Pina Martins estacaria com esta publicação, pois mais ainda publicará e de arrojadas proporções e valor. Chegou porém o momento de ser eu a estacar e a limitar-me às obras que foram publicadas quando já se aproximava o fim da sua vida.

Como estudioso da *Utopia* de Thomas More, Pina Martins, não resistiu a publicar como autor a sua *Utopia III,* na companhia do descendente do navegador português Rafael Hytlodeu (de *hythlós-mentirolas,* como eram conhecidas algumas histórias de marinheiros), *Miguel Mark Hytlodeu*, que é, *editada na urbe de Ulisses, no mês de Março de 1998*. *Que atrevimento!!!* Dirão os meus colegas. Eu só lhes posso responder: *que grande saber e sentido de humor!!!*

São 567 páginas editadas pela saudosa Editora Verbo, e que reconstituem, como que por artes mágicas, a sociedade do século XX, em linguagem alatinada, com gestos e gostos que imitam os do século XVI, tudo expresso em 69 capítulos, divididos em três secções: O I.º:1-12): A REVELAÇÃO NUMINOSA; o II.º: 13-30: CONFRONTO DE DOIS MUNDOS; e finalmente o III.º: 31-69: A YTOPIA NOVA TAL COMO MIGUEL MARK HYTLODEV MA RELATOV. *Relato em Diálogo,…*

Na primeira parte sentimos logo que estamos a andar por terrenos de piso duvidoso, por não nos darmos conta do que está por baixo. É que as palavras não significam o que deviam mas outra coisa (p. 7): será que Flúmino de Jano é mesmo isso? ou será Rio (*Flumen*) de Jano (*Januarius*=de Janeiro). Quer dizer que o nosso autor nos lançou e vai lançar durante todo o seu texto, numa linguagem criptológica, uma vez que já o título *Utopia* também era misterioso: a *terra que não tem lugar*, ela existe, mas em parte alguma. E é essa a atracção deste longo relato, como já o era, no século XVI, o texto de Thomas More que o inspirou, e que acabou por ser traduzido em 2006, a pedido de Pina Martins pelo nosso confrade Aires do Nascimento, que nos deixou uma excelente tradução do original latino de More.

No original português, *Utopia III,* já referido, não há topónimo, nome próprio, ou etnónimo que não tenham de ser estudados com cuidado, com lembranças intuitivas e pelo menos com algum saber. Pina Martins tinha grande habilidade para inventar. Mas nem tudo é assim tão doutamente fácil, e desculpem mais esta contradição, quando lemos, *gerúsia* que facilmente trasladamos para *senado (onde* estão os *"senes"* – em latim *"os velhos" de "senex"),* mas mais difícil é descobrir o que será o *Instituto Internacional de Humanismo Sikelianós-Kallierges.* Não fora o *kalli*, nunca teria descoberto que se tratava da Fundação *Calouste Gulbenkian.* É preciso ouvido e imaginação e julgamos que só um espião é capaz de ter tais qualidades.

Já outros disfarces, são mais fáceis: *Piçaco*, por Picasso, *Massite*, por Magritte ou *Algreiros Nemada,* por Almada Negreiros (p.148), nomes que aparecem quando o fundador da terceira Utopia discute arte moderna com o descendente do fundador lusitano da primeira-Utopia, tal como é fácil adivinhar que a *velha Lísia* não passa de *Ulisseia*, e esta de Lisboa. Já não se pode dizer o mesmo de *Aymon Raron,* que é simplesmente o nome da Raymon Aron, ou *Braamcamp Frade*, que logo sabemos quem é, desde que substituamos o *Frade*, por Freire, ou no caso onomástico de *Carmel Tabaillon*, que devido à proximidade em vida entre este estranhíssimo ser e o nosso Pina Martins, mais não pode ser do que Marcel Bataillon, humanista dos maiores, e que ainda tive a sorte de ver e ouvir na minha Faculdade.

Escolhi alguns exemplos para demonstrar que mesmo um humanista da qualidade daquele, cuja *laudatio* estou a proferir, não é tão humano quanto parece,

pois gosta de nos fazer sofrer com os seus bem inventados enigmas. Com ele, não sei *se Édipo* teria escapado ao seu mortal destino, ao matar o pai que não conhecia.

Na segunda parte, porém, acentua-se a sua vincada personalidade, quando defende, ao discutir a história portuguesa, todos os argumentos dos que defendem D. João II e não comparam a sua cruel eficácia com a indolência de D. Manuel, que só beneficia do esforço do seu cunhado, bem como ao entrar na discussão literária o candidato à Utopia III, segue as suas paixões, e dá enorme valor ao seu favorito Sá de Miranda, sobre o qual muito trabalhou, em detrimento de Luís de Camões, cuja grandeza épica poucos conseguem ignorar. Com o poeta épico sentimo-nos forçados a dizer: "E dirão os Sábios da Escritura, que segredos são estes da Natura".

A terceira parte é a que mais se adapta à personalidade do seu Autor. Neste diálogo entre o descendente do fundador da primeira Utopia e o pretendente da terceira, não haverá grandes diferenças, se não a que coloca em lugar cimeiro o possível fundador da terceira, que usa de uma bondade quase intervencionista retratada em várias afirmações todas dirigidas para o bem estar dos povos e a não poluição da natureza, na procura de uma felicidade generalizada, sem que de forma alguma se tenha presente a ganância extrema do género humano. Esse apetite do ganho só pode ser combatido por instituições que respondam, contra o lado mau da natureza humana, a uma bondade que a ultrapassa. É utópico, sem dúvida, mas não é disso mesmo que se trata e não é isso mesmo que se quer provar, numa dialéctica extremamente atraente, embora a sintamos longe da eficácia necessária. É nestas páginas que se sente com todo o vigor a forte personalidade do humanista admirador de Pico della Mirandola, de Erasmo, de Góis e de tantos outros que por muito que tentassem, não conseguiram mesmo assim domar a ferocidade (desculpe-se o exagero) do homem lobo do homem.

Embora centenas de aspectos desta não apareçam focados, vou-me referir, para terminar, ao livro que o meu antecessor nesta cadeira publicou, também em 2007, com a ajuda editorial do nosso confrade Aires do Nascimento. Intitula-se *Histórias de Livros para a História do Livro,* que recebeu o Prémio "Ensaio" do PEN Clube português, em 2008.

Como caçador de livros, conta o seu autor as partidas que os livros, os vendedores de livros e os compradores de livros lhe pregaram, muito embora fosse senhor de uma paciência de jogador e de uma educação calma que causava

respeito naqueles a quem comprava ou a quem vendia, quando tinha exemplares a mais.

Chegou ao momento de terminar, mas não sem voltar a evocar a memória de um Homem Bom, de um Homem Sabedor e de um Homem Activo que proporcionou muito estudo à sua volta, que ajudou muitos a saberem mais, que não tinha vergonha em pedir ajuda, e que sempre, desde que o conheci, me ofereceu a sua Amizade, e esta é uma dádiva que em vida nunca poderei saldar, senão prestando desta dádiva de lembranças à sua memória.

(Elogio histórico proferido na sessão plenária pública
de 27 fevereiro de 2014)

Saudação ao Académico Raul Miguel Rosado Fernandes

Artur Anselmo

Em cumprimento da praxe estatutária que impõe aos sócios-efectivos o dever de fazerem o Elogio Histórico do académico em cuja cadeira sucedem (neste caso, a cadeira n.º 5 da Classe de Letras), acabámos de receber na Academia – e agora com carácter definitivo – um dos seus membros mais eruditos, mais assíduos e mais interventivos: Raul Miguel Rosado Fernandes, sem dúvida aquele que, entre nós, maior número de elementos pessoais e estéticos poderia carrear para compor o retrato do saudoso Presidente Pina Martins. Se chamo «erudito» ao nosso confrade é porque para isso me sinto autorizado pelo título das suas recordações de vida enfeixadas na obra *Memórias de um R*ústico *Erudito*. E aceitaria de bom grado que a ordem dos apodos com que se auto-classificou pudesse ser invertida para «erudito rústico», tanto mais que, apesar dos cuidados com que o nosso confrade se tem dedicado, ao longo da sua vida, aos valores *de re rustica*, a verdade é que há mais de meio século que o vemos empenhado também na defesa e ilustração das *humaniores litterae*. Digamos sem hesitação: numa época em que proliferam à nossa volta as declarações sem ponta de erudição e em que, por isso mesmo, o erudito é visto como uma espécie de *dinossauro excelentíssimo* (para usar o título de um livro polémico de José Cardoso Pires), como não saudar os eruditos da família espiritual de Raul Rosado Fernandes? Como não reconhecer neles tudo quanto os distingue dos espíritos superficiais que dominam a convivência intelectual em nossos dias? Como não louvar neles a sabedoria, a competência e a maturidade próprias do humanismo clássico, moderno ou contemporâneo?

Senhor de uma cultura profunda e sempre actualizada, esclarecido conhecedor das línguas clássicas que deram corpo à ideia da Europa, poliglota exímio, capaz de se movimentar com o mesmo à vontade no mundo românico ou no mundo germânico, Raul Rosado Fernandes começa a sua carreira de investigador no dealbar da década de 60 do século passado, em simultâneo com a docência de Filologia Clássica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Assistente de Francisco Rebelo Gonçalves, a sua relação afectiva com o mestre nunca foi fácil, não tanto porque os separassem posições doutrinárias opostas, mas tão-somente por incompatibilidade de temperamentos (entre parêntesis, acrescentarei que Rosado Fernandes nunca regateou elogios à probidade científica de Rebelo Gonçalves, como o prova, entre outros exemplos que poderíamos citar, o alentado prefácio à *Obra Completa* do mestre, em boa hora editada pela Fundação Gulbenkian, a partir de 1995.)

Ao falar de Rebelo Gonçalves, o mais jovem doutorado em Filologia Clássica e talvez o mais jovem dos sócios admitidos na Academia das Ciências nos últimos 100 anos (nascido em 1907, entrou para esta casa em 1934), não posso deixar de acentuar o papel fundamental que aqui desempenhou, aceitando, quando ainda não tinha 40 anos, responsabilizar-se pela direcção dos trabalhos que culminaram na publicação do *Vocabulário Ortográfico* que vigorou desde 1945 e que não poucos filólogos preferem ao arremedo de vocabulário concertado em 1990 e posto a vigorar, *in partibus*, depois de 2010, sem que durante vinte anos os governos tenham mexido uma palha para o melhorar. De uma pujança intelectual ciclópica, atestada em dezenas de trabalhos de sua autoria, assim como na fundação de duas revistas de altíssimo nível (primeiro em Coimbra, a *Humanitas*, depois, em Lisboa, a *Euphrosyne*), Francisco Rebelo Gonçalves adoeceu gravemente em meados dos anos 60 e, por isso foi forçado a aposentar-se, vindo a falecer em 1982. Aqui, nesta mesma sala, fez o seu elogio, como sucessor na cadeira n.º 1 da Classe de Letras, outra personalidade inesquecível que encheu a Academia com a sua argúcia intelectual e a sua vastíssima cultura. Refiro-me a Mário Martins, o insigne medievalista, o qual, traçando o perfil científico de Rebelo Gonçalves, teve a feliz ideia de associá-lo (a ele e a todos os grandes filólogos) a uma poesia de Juan Ramón Jiménez, substituindo a palavra *inteligência* pela palavra *filologia*:

> Filologia, dá-me
> o nome exacto das coisas.
> Que a minha palavra seja
> a própria coisa
> criada pela minha alma novamente!
> Que por mim cheguem todos
> os que as não conhecem, as coisas.

Que por mim vão todos
os que as esquecem, *à*s coisas.
Que por mim vão todos
esses que as amam, as coisas.
Filologia, d*á*-me o nome exacto
e teu, e seu, e meu, das coisas.

A obra de Raul Rosado Fernandes pode agrupar-se em quatro áreas, todas situadas no campo das humanidades: na primeira avultam os textos clássicos traduzidos e comentados, com destaque para obras de Tucídides (a *História das Guerras do Peloponeso*), de Horácio (a *Arte Poética*) e de André de Resende (as *Antiguidades da Lusitânia*); na segunda uma obra precursora dos estudos de Estilística, que o autor não só traduziu, mas também completou com aditamentos preciosos (os *Elementos de Retórica Literária*, de Heinrich Lausberg); na terceira combinam-se harmoniosamente a dissertação de licenciatura sobre o *Anfitrião*, a tese de doutoramento intitulada *O Tema das Graças na Poesia Clássica*, e a recolha de ensaios em dois volumes, a que chamou *Em Busca das Raízes do Ocidente*; finalmente, na quarta, dois títulos de literatura autobiográfica: as já referidas *Memórias de um R*ústico *Erudito* e um volume que lhes serve de complemento, *Propriedade Privada, Agricultura e Outros Temas*. De fora deste conjunto fica-nos ainda um libelo polémico contra os desmandos do capitalismo selvagem, *O Diabo, o Banqueiro e o Parvo*, visão sinistra do Portugal recente que não cabe, em rigor, nas designações tradicionais da teoria dos géneros literários.

Lendo todos estes testemunhos da operosa vida intelectual do nosso confrade, persiste no meu espírito a ideia de que não é fácil separar as duas facetas principais do seu carácter. De facto, o classicista, o professor, o reitor e o académico convivem na mais perfeita harmonia com o paladino das nobres causas da agricultura e até mesmo com o antigo orador parlamentar de Lisboa e Estrasburgo. Ele próprio, seja onde for que fale ou peça a palavra, mistura habitualmente as suas leituras de autores clássicos gregos e latinos com a última novidade literária publicada em qualquer país do mundo ocidental, mas também com as recomendações do bom-senso inato que vem do saber fazer. Como o pré-socrático Anaxágoras, Raul Rosado Fernandes não esquece nunca que o homem se distingue do animal porque só o homem trabalha com as mãos. E como o Virgílio das

Geórgicas, sabe que a Natureza sente o dedo do homem porque ele a disciplinou, ao arrancá-la ao caos da criação.

Julgando interpretar o sentimento geral desta Academia, não tenho dúvidas em afirmar que todos nos sentimos honrados por continuarmos a partilhar do imenso saber deste «rústico erudito» que um dia afirmou: «Sou apenas um homem ligado à terra por laços familiares e de amor.» E noutra ocasião: «A minha vocação é conhecer as línguas antigas, gostar da Natureza organizada e tentar desvendar os segredos do ser humano.»

Palavras simples, de uma clareza ética, que só os espíritos verdadeiramente luminosos estão em condições de proferir com a autoridade do seu próprio exemplo.

(Saudação ao recipiendário proferida na sessão plenária pública de 27 de fevereiro de 2014)